

**REFLEXÕES SOBRE TEMAS
DA ATUALIDADE A PARTIR
DO FILME “O CHEIRO DO
RALO”**

**THOUGHTS ON CURRENT
ISSUES FROM THE FILM
“DRAINED”**

Walace Rodrigues (Dr.)*



Imperatriz (MA), v. 3, n. 5, p. 45-55, jul./dez. 2021
ISSN 2675-0805

Recebido em: 28 de abril de 2021
Aprovado em: 01 de outubro de 2021

RESUMO

Neste artigo, debruçamo-nos sobre o filme brasileiro “O cheiro do ralo”, de 2007, buscando pensar sobre questões da atualidade a partir de tal criação cinematográfica, em questões como: sociedade capitalista atual, tempo presente, consumo, poder, existencialismo, corpo como mercadoria e objeto, entre outros pontos. Nossa metodologia para este artigo parte de uma revisão bibliográfica e dá-se por meio de uma análise qualitativa. Alguns autores que utilizamos são: Agamben (2009), Bataille (1970), Foucault (1981), Rodrigues e Silva (2016), Sturken e Cartwright (2005), entre outros. Os resultados deste escrito revelam como o filme “O cheiro do ralo” mostra-nos latentemente questões tão atuais de nossas sociedades ocidentais capitalistas, instigando-nos a refletir sobre elas de forma crítica.

Palavras-chave: Presente. História. Cinema. Mercadoria.

ABSTRACT

In this paper, we focus on the Brazilian film “Drained”, from 2007, seeking to think about current issues from such cinematographic creation, issues such as: current capitalist society, present time, consumption, power, existentialism, the body as a commodity and object, among other points. Our methodology for this text is based on a literature review and on a qualitative analysis. Some authors we use are: Agamben (2009), Bataille (1970), Foucault (1981), Rodrigues e Silva (2016), Sturken and Cartwright (2005), among others. The results of this paper reveal how the film “Drained” latently shows us issues that are so current in our western capitalist societies, urging us to think about them in a critical way.

Keywords: Present. History. Cinema. Commodity.

* Professor Adjunto da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT. E-mail: walace@uft.edu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9082-5203>.

1 Introdução

Este texto nasce de nossa percepção de questões latentes reveladas através do cinema brasileiro, como a utilização dos corpos como instrumentos expressivos e usados como objetos de resistência artística (cf. RODRIGUES, 2013; 2018b), além da clara dominação de nossos corpos nas sociedades atuais, sociedades estas baseadas na busca da passividade das pessoas para o trabalho e o consumo. Pensamos também, aqui, sobre questões de poder, existencialismo, tempo presente e vazio, entre outros temas da atualidade, sobre os quais as artes podem auxiliar-nos a refletir.

Nesse sentido, utilizamos o filme brasileiro “O cheiro do ralo”, de 2007, como objeto artístico que pode exemplificar as questões apresentadas. Questões essas ligadas às nossas históricas relações assimétricas de poder no Brasil e àquelas em que o capitalismo ultraliberal atua, inclusive nos corpos, na estética e na vida real e simbólica das pessoas.

A importância do filme escolhido revela-se na sua profundidade reflexiva, na sua contundente utilização de metáforas extremamente significativas, na sua atualidade em retratar as relações desiguais de dominação, entre outros pontos das sociedades capitalistas atuais.

Nosso caminho metodológico para este trabalho deu-se pela via da análise qualitativa e a partir de uma bibliografia que, acreditamos, pode fazer-nos refletir sobre o tempo presente e algumas questões que ele nos traz e com as quais temos que lidar cotidianamente. Utilizamos-nos de Bataille (1970), Foucault (1981), Agamben (2009), Rodrigues e Silva (2016) e Sturken e Cartwright (2005), entre outros escritores que tratam sobre o vazio, o poder, os corpos, o consumo e outras questões relacionadas ao tempo presente e às artes.

Buscamos, com este texto, problematizar as questões latentes do presente na obra cinematográfica selecionada, tentando instigar possibilidades interpretativas acerca de temas como poder, mercadoria, globalização, presente, consumo e capitalismo, entre outros pontos.

2 Questões do tempo presente

A Revista Escritas, do curso de História da Universidade Federal do Tocantins – UFT, do campus de Araguaína, publicou em 2016 um número (vol. 8, n. 2) voltado às pesquisas sobre o tempo presente. A partir das questões levantadas em tal edição da referida revista, buscamos aqui trazer indagações significativas sobre o tempo presente pelo viés da arte cinematográfica.

Chama-nos a atenção as pesquisas sobre o tempo presente, pois ele acontece no agora, no momento mesmo da nossa mirada sobre ele. Lembramos que alguns museus de arte contemporânea dos Países Baixos já não desejam utilizar o termo “contemporâneo”, mas utilizam uma designação como “arte de agora” (*kunst van nu* em holandês) ou “arte de hoje” (*hedendaagse kunst*). O termo *hedendaagse kunst* pode ser traduzido como arte contemporânea, mas a sua tradução literal seria “arte do dia presente”.

Dessa forma, o contemporâneo parece começar a se dissolver perante nossos olhos, mostrando-se como algo disforme, um vazio que deve dar lugar a outro tempo. O filósofo francês Georges Bataille, pensando sobre o “vazio”, aquilo que não tem forma definida e nem sentido exato, diz-nos em seu Dicionário Crítico o que seria este “vazio”:

Um dicionário começaria a partir do momento em que ele não desse mais o sentido das palavras, mas sim suas obrigações. Assim, **informe não é somente um adjetivo com certo sentido, mas um termo que serve para desorganizar, exigindo, geralmente, que cada coisa tenha sua própria forma. Isto que ele nomeia não aponta um caminho fixo e pode ser facilmente despedaçado**, do mesmo modo que uma aranha ou um verme. De fato, para o contentamento dos acadêmicos, seria necessário que o universo tomasse forma. Toda a filosofia tem apenas um objetivo: trata-se de dar uma roupagem ao que já existe, uma roupagem matemática. Por outro lado, afirmar que o universo não se assemelha a nada e que ele não é nada além de informe retoma a afirmação de que o universo é algo como uma aranha ou um escarro (BATAILLE, 1970, p. 33, negrito nosso).

Nesse caminho de incertezas acerca do tempo presente, o filósofo italiano Giorgio Agamben relata-nos a dificuldade em manter um olhar para o “informe” do presente e tentar compreendê-lo. Ele fala que:

Perceber no tempo do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. Por isso os contemporâneos são raros. E por isso **ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz de manter fixo o olhar no escuro da época**, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós (AGAMBEN, 2009, p. 65, negrito nosso).

E algo sabemos sobre o presente: que a globalização mantém-se através das mais variadas relações assimétricas de poder. Esse ponto pode ser, talvez, o mais relevante para pensar o tempo presente, principalmente em um país colonizado como o nosso. Sobre o que seria “poder”, Michel Foucault relata-nos que:

Quando digo “o poder”, não digo absolutamente uma instância, uma espécie de potência que estaria oculta ou visível, pouco importa, e que difundiria sua influência nociva através do corpo social ou que estenderia sua rede de forma fatal. Não se trata de uma rede que aprisionaria cada vez mais a sociedade e os indivíduos. Não se trata disso. O poder não é uma coisa. O poder são relações. **O poder são relações entre indivíduos, uma relação que consiste que um pode conduzir a conduta do outro, determinar a conduta do outro**. E determinada voluntariamente em função de uma série de objetivos que são seus (FOUCAULT, 1981, s/p, negrito nosso).

Assim, podemos dizer que o tempo presente seria fortemente marcado pelas relações assimétricas entre indivíduos em um mundo globalizado. As incertezas de tais relações e de seus padrões de controle podem revelar, ainda,

uma dificuldade em perceber as instabilidades nessas relações sociais, apesar das tentativas de instituições de determinar as condutas dos sujeitos. Também vemos emergir grupos que buscam ressignificar as relações de poder da atualidade, visando acabar com a imposição dos sistemas de poder que agem sobre eles. A hegemonia da desigualdade parece prevalecer no mundo atual e globalizado. A globalização pode ser entendida como:

Um termo usado mais e mais a partir do fim do século vinte para descrever um conjunto de condições que se agravaram a partir do período do pós-guerra. Essas condições incluem o aumento das taxas de migração, o crescimento de corporações multinacionais, o desenvolvimento de comunicações globais e de sistemas de transporte, e o declínio da soberania dos estados-nações, e o “encolhimento” do mundo através do comércio e da comunicação. Enquanto alguns teóricos tomam as condições de globalização como dadas, outros as veem como ideológicas, no sentido de que sua direção e força não são inevitáveis, mas tomam forma pela competição econômica, cultural e de interesses políticos. O termo “globalização” também trabalha para estender o conceito do local, onde a vantagem da globalização depende da formação de novos tipos de comunidades locais não geograficamente ligadas (como as comunidades da internet) (STURKEN; CARTWRIGHT, 2005, p. 356, tradução nossa).

Dessa forma, podemos tentar pensar o tempo presente através das criações artísticas, como as criações audiovisuais. E é aí que o cinema entra em nossa discussão, como uma arte que sempre busca se atualizar, levantando temas atuais relevantes de serem pensados. Como nos dizem Wallace Rodrigues e Luíza Silva, os filmes podem ser mecanismos preciosos de criticidade e reflexão sobre o presente, ajudando-nos a “manter fixo o olhar no escuro da época”, como nos disse Agamben (2009).

Talvez o presente, o atual, o contemporâneo, seja sempre o “informe” de Bataille, a descontinuidade e a escuridão. Assim, o informe, a descontinuidade e a escuridão parecem ser as possibilidades criativas e sensíveis com as quais o cinema trabalha para representar seu tempo cinematográfico e cronológico. Sabemos que nenhum valor é fixo em nossa sociedade visual, de consumo, atual. Toda representação se flexibiliza a partir das múltiplas interpretações e leituras dos espectadores. No entanto, o cinema parece ser um dos “espaços” culturais mais prósperos para buscar complexar nosso tempo, nossas coisas e nossas vidas (RODRIGUES; SILVA, 2016, p. 208).

Nesse sentido, vemos as produções cinematográficas da atualidade como objetos artísticos privilegiados de sentidos e que podem auxiliar-nos a pensar sobre temas das sociedades capitalistas ocidentais e sobre como elas funcionam na realidade e simbolicamente em nossas vidas.

3 O caso do filme “O cheiro do ralo” e desdobramentos críticos possíveis

A partir daqui, passaremos a refletir sobre o filme “O cheiro do ralo”, de 2007, como um objeto que pode nos dar pistas para pensar sobre o tempo presente, o “escuro da época”, o “informe” deste tempo, já que o cinema, enquanto forma de arte, acreditamos, pode dar-nos uma compreensão da dimensão precária e da complexidade do próprio homem no mundo atual. Para além do tempo presente, pensamos também em nossos corpos como espaços (objetos) em que a sociedade de consumo capitalista reafirma sua força para tornar-nos dóceis, consumidores vorazes, estudantes acrílicos e trabalhadores incansáveis.

“O cheiro do ralo” foi adaptado do livro homônimo de Lourenço Mutarelli e dirigido por Heitor Dhalia. O roteiro foi escrito por Marçal Aquino e Heitor Dhalia. Estavam no elenco desse longa-metragem os atores Selton Mello, Leonardo Medeiros, Silvia Lourenço, Flávio Bauraqui, Milhem Cortaz, Alice Braga, Dionísio Neto e outros mais.

O filme “O cheiro do ralo” participou de vários festivais de cinema e foi premiado nos seguintes: prêmio de melhor ator no Festival do Rio em 2006; prêmio especial do júri e da FIPRESCI na 30ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo; Prêmio de Melhor Filme e Menção Honrosa do Júri Oficial para o elenco como um todo no 2007 *Sundance Film Festival*; prêmio de melhor filme nacional no 4º Festival de Cinema de Campo Grande; e prêmio de melhor ator para Selton Mello no 10º Festival de Cinema de Punta del Este.

Ambientado na cidade de São Paulo, “O cheiro do ralo” narra a história de um comprador de objetos usados chamado Lourenço (Selton Mello). As pessoas que o procuram estão passando por alguma dificuldade financeira e vão em busca de dinheiro em troca dos objetos. Lourenço busca sempre pagar muito menos do que os objetos valem, pois disso depende seu negócio. A frieza passa a ser um elemento-chave na exploração capitalista de Lourenço, que se aproveita de seus clientes num momento de dificuldades. No entanto, o cheiro exalado pelo ralo do banheiro o perturba em demasia, mostrando um valor simbólico para tal elemento do enredo. O fedorento ralo parece ser a metáfora da podridão de seu usuário, o próprio Lourenço. As mais variadas pessoas vão a sua procura e ele sempre busca uma maneira de abusar delas, vendo-as, também, como mercadorias. Ele acaba por ter um trágico desfecho após humilhar vários de seus clientes.

Sobre tal filme, Wallace Rodrigues e Luíza Silva nos dizem que:

O filme retrata a “podridão” (simbologia do mau cheiro que vem do ralo) a que o capitalismo atual nos leva, fazendo de nossas relações humanas meras mercadorias de troca. Tudo para Lourenço se torna objeto de troca. Ele coisifica o mundo e o valora. Até as pessoas se tornam coisas. Também, a coleção de tipos humanos mostrada no filme, com os tipos mais diversos de pessoas e seus objetos, nos leva a compreender a riqueza humana existente na sociedade. Lourenço despreza tal riqueza e valoriza o valor monetário de tudo. Ele acaba sendo morto por um de seus clientes (RODRIGUES; SILVA, 2016, p. 304).

Nesse sentido, é importante revelar que Lourenço toma o corpo de cada cliente como mais um objeto a ser comprado e vendido, tornando a obra extremamente atual, pois ela toma os humanos como mercadorias e revela a podridão das relações capitalistas ultraneoliberais. Rodrigues (2018b, p. 63), relacionando a utilização dos corpos ao erotismo do cinema brasileiro durante a ditadura militar, reflete que:

[...] pensar sobre erotismo requer pensar sobre os corpos e os regulamentos de poder, restrições religiosas e os costumes morais que os atingem diretamente. Vendo nosso corpo enquanto nossa matéria física para agir no mundo, verificamos que ele é atingido a todo momento por preceitos, pensamentos e regras. O corpo é nosso objeto sensível para a percepção do mundo que nos cerca e passa a ser, também, objeto de uso artístico para muitos artistas.

Não podemos nos esquecer que os teóricos da indústria cultural nos revelaram os perigos de não percebermos as artimanhas dos mecanismos capitalistas que nos forçam ao consumo e à desumanização das pessoas, atingindo diretamente nossos corpos. Deixamos aqui uma conceitualização do que seria a indústria cultural, da qual o cinema é parte importante:

Indústria cultural – Termo usado pelos membros da Escola de Frankfurt, em particular por Theodor Adorno e Max Horkheimer, para indicar como o capitalismo organiza e homogeneíza a cultura, dando aos consumidores culturais menos liberdade para construir seus próprios significados. Horkheimer e Adorno perceberam a indústria cultural como geradora de cultura de massa e instigadora de um fetichismo da mercadoria, o que funcionava como propaganda para o capitalismo industrial. Eles viram toda a cultura de massa como ditada pela fórmula e repetição, incentivando conformidade, promovendo a passividade, traindo seus consumidores daquilo que é prometido e promovendo pseudoindividualidade (STURKEN; CARTWRIGHT, 2005, p. 352, tradução nossa).

O cinema tem fundamental importância em relação às questões de representação do mundo atual e de suas questões, pois é uma linguagem nascida comercialmente no período capitalista da primeira metade do século XIX e ajudou a transformar pessoas (celebridades) em mercadorias, em propagandas para venda de produtos, criando desejos de consumo.

Também não podemos nos esquecer que: “Além de ser uma indústria, o cinema é, do ponto de vista social, a arte mais influente do nosso tempo (...) o cinema se torna uma linguagem, isto é, um processo de conduzir a narrativa e de transportar ideias para tela” (BULLARA et al., 1992, p. 35).

Tomando, assim, o cinema enquanto uma forma de linguagem representativa, devemos ter consciência de questionar o que ele nos revela direta ou indiretamente, como no caso do filme aqui analisado. Renato Mocellin instiga-nos a pensar criticamente sobre o que nos revela cada obra cinematográfica, reconhecendo a importância do letramento midiático para a compreensão pessoal de cada filme assistido e voltando às questões foucaultianas de poder e dominação:

Todos os produtos dos meios de comunicação são, de certa forma, produtos de propaganda, no sentido de que proclamam valores, crenças, opiniões e modos de vida. Explícita ou implicitamente, os meios de comunicação carregam mensagens sobre os mais variados temas: como devemos viver, as virtudes do consumo, o papel da mulher na sociedade e outras noções de valor, poder e autoridade. O letramento midiático propõe o questionamento dos valores e juízos presentes nas mensagens dos meios – a reflexão sobre o que é dito ou não é dito e por que – e a tentativa de decodificação das mensagens subliminares que carregam (MOCELLIN, 2009, p. 36).

Ainda, o ralo, o cheiro que o ralo exala e o medo que Lourenço tem de se relacionar com tal cheiro (e, por extensão, com seus sentidos corporais mais intensos) e com ele ser confundido revelam questões simbólicas relevantes de serem pensadas numa dimensão mais alargada, convocando-nos a pensar sobre nossas posições neste mundo capitalista ultraliberal. Roseli Silva afirma que o cinema tem a capacidade de fazer-nos pensar sobre essas questões:

A experiência estética que o cinema proporciona abre-nos, sem dúvida, para uma compreensão mais radical da realidade e do ser humano. É uma obra de arte com a qual nos relacionamos para iluminar a nossa percepção do mundo e, claro, é uma via de acesso a nós mesmos; uma convocação instigante que nos faz repensar nossas atitudes e reavaliarmos nossos valores; uma provocação inquietante para questionarmos possíveis convivências nossas com a falta de criatividade, com a mediocridade, que é mostrada, muitas vezes, em comportamentos rígidos, intolerantes, nihilistas, autoritários e materialistas. Talvez seja precisamente nesse ponto que descobrimos, atrás dessas possibilidades estéticas, as possibilidades educativas e éticas do cinema (SILVA, 2007, p. 52).

O filme aqui tratado parece deixar-nos perceber, na frieza de Lourenço, em sua fala pausada, em seu olhar doentio, em sua feição inexpressiva, enfim, em suas ações calculadas, que tudo é mercadoria. Sua visão materialista das pessoas, de seus objetos e de seus corpos revela-nos sua percepção corpo=lixo e fedor=vida.

Vale pensar, ainda, na escolha por uma estética retrô¹, revisitando nostalgicamente as décadas de 1970 e 1980, visivelmente colocada no filme. Isso ajuda a reforçar o aspecto dos objetos e pessoas como algo já usado, como artefatos de segunda mão.

Além disso, a maioria das tomadas são muito centralizadas, principalmente quando se trata de Lourenço em seu trabalho, quando negocia com os clientes e dos clientes quando falam com Lourenço. Há uma diretividade proposital nessas tomadas, uma relação que não pode deixar dúvida sobre seu aspecto frio, direto, racional e mercantil por parte de Lourenço.

Também podemos notar várias tomadas do personagem principal Lourenço sempre andando em frente a um fundo, principalmente quando entra pela porta de seu negócio. O fundo enche a tela e o personagem principal aparece pequeno, diminuído, como o homem frio e mesquinho que ele realmente é. Essas tomadas aparecem com um alto valor estético, lembrando pinturas concretas e neoconcretas, auxiliando a reforçar essa estética retrô.

Vale ressaltar que notamos um ar reflexivo existencialista nessa produção cinematográfica. Entendendo o existencialismo enquanto uma filosofia segundo a qual o homem indaga sobre sua própria existência, João da Penha (2011) informa-nos que:

[...] o existencialismo seria a expressão de uma experiência singular, individual, um pensamento motivado por uma situação muito particular. [...] A existência humana na versão de Kierkegaard, não pode ser explicada através de conceitos, de esquemas abstratos. Um sistema, insiste, promete tudo, mas não pode oferecer absolutamente nada, pois é incapaz de dar conta da realidade, sobretudo a realidade humana (PENHA, 2004, p. 13-15).

A intrincada teia do existir no mundo e as angústias que a existência desperta acabaram por levar o filósofo Søren Aabye Kierkegaard (Copenhague, 1813 – Copenhague, 1855) a criar um pensamento filosófico a partir dessas angústias:

As ideias de Kierkegaard foram rejeitadas por seus contemporâneos, mas se mostraram muito influentes nas gerações posteriores. Sua insistência na importância da liberdade de escolha e em nossa contínua busca por significado e propósito forneceria a estrutura para o existencialismo. Essa filosofia desenvolvida por Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger foi, mais tarde, completamente definida por Jean Paul Sartre (BUCKINGHAM et al, 2011, p. 195).

Rodrigues (2016) busca pensar o existencialismo a partir da vertente sartreana. Ele nos diz:

[...] o existencialismo ateu de Jean-Paul Sartre (Paris, 1905 – 1980, Paris) (...) por ser um dos filósofos que mais claramente definiu as questões dos estudos existencialistas na atualidade. Em sua aula chamada Existencialismo é um Humanismo, que ele deu em Paris em 1945, ele nos mostra as bases de seu existencialismo e explica-nos, claramente, suas teorias. Sartre deixa ver, nesta aula, os dilemas existencialistas de hoje, como uma certa “angústia” por ter que escolher, um certo “abandono” por ser responsável por meus atos, e um certo “desespero” pelo estar no mundo e vislumbrar várias possibilidades de ação (RODRIGUES, 2016, p. 4).

Vemos, nas atitudes do personagem Lourenço, as angústias típicas dos existencialistas: uma preocupação com o individual; uma busca incessante de experiências de toda a sorte; e a experiência da escolha pautada pelo senso de absurdidade da vida, deixando de lado a busca por um entendimento racional do universo (cf. BLACKBURN, 2006, p.125).

A angústia de viver faz com que Lourenço se perca no caminho, apesar de sua aparente mansidão. Ele abandona-se ao cheiro, desesperado por experiências excitantemente cruéis na barganha da vida. Há no personagem uma “uma compreensão da dimensão precária do existir” (cf. RODRIGUES, 2018a, p. 21), que o faz buscar “aventurar-se” no espaço “seguro” de seu lugar de trabalho, sempre levando as pessoas a limites psicológicos extremos.

Na cena em que ele pede para que uma de suas clientes fique nua, nas negociatas e barganhas, sempre está presente o mau cheiro do ralo como uma metáfora de sua vida e da forma como a leva. Aqui o corpo coloca-se como objeto de mercadoria e de dominação, algo que, podemos pensar, reforça o vazio existencialista dos homens no tempo presente.

Nesse sentido, vemos que tal filme pode revelar as inter-relações entre aspectos das artes, da filosofia, da economia, da psicologia etc., colocando-se como uma obra de arte verdadeiramente instigadora de novos olhares e pensamentos sobre a sociedade atual, o tempo presente, o homem como ser no mundo (não somente como um corpo que pode ser dominado), entre outros tantos pontos.

4 Considerações finais

Vimos, através da análise do filme “O cheiro do ralo”, que interrogar o discurso cinematográfico a partir da tecnologia do poder dos mecanismos que tornam tudo (objetos e pessoas) em mercadorias na atualidade pode ser criticamente bastante construtivo. Tal obra de arte reflete não somente sobre os sistemas de poder, mas também sobre nossos corpos como mercadorias e nossas formas simbólicas de existir no mundo e sobreviver nele, além de outros pontos importantes nas sociedades ocidentais capitalistas atuais.

Ainda, a estética retrô escolhida para ser utilizada na obra “O cheiro do ralo” reflete a atualidade da busca de nostalgia, de algo que lembre o passado. Isso como um mecanismo atual de revitalização de afetos e memórias acerca de objetos representativos de uma determinada época significativa para o espectador. No entanto, esse mecanismo nostálgico é muito utilizado, hoje em dia, em várias campanhas publicitárias, buscando atualizar produtos que deixaram marcas afetivas, mas vendidos agora com uma nova roupagem tecnológica.

Pudemos verificar que o referido filme trabalha com algumas das mais poderosas forças com as quais a psiqué humana lida: a sexualidade, o pertencimento, os desejos, o poder, as relações humanas, entre tantas outras. Nesse sentido, o reconhecemos como uma obra de viés existencialista, desafiando-nos a refletir sobre as angústias de estar no mundo, instigando pensamentos sobre o abandono do homem como um ser só e seu desespero em escolher.

Compreendemos que tal produção fílmica, enquanto objeto de arte de cunho crítico e reflexivo, faz-nos pensar sobre uma busca de compreensão da dimensão precária e da complexidade do próprio homem de estar no mundo (em todos os aspectos que esse existir envolve).

Concluindo, vemos a necessidade de humanização das relações de sociais e de poder na atualidade, fazendo com que as pessoas tenham mais empatia umas com as outras, compreendendo as diferenças como riquezas para fortalecer relações sociais e culturais, algo muito distante das impiedosas marcas deixadas pelo capitalismo acrílico em nossas sociedades e corpos. Assim, o filme “O cheiro do ralo” pode ajudar-nos a refletir sobre nossas vidas e como as estamos vivendo no momento atual.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BATAILLE, Georges. **Le dictionnaire critique**. Orléans: Éditions Gallimard, 1970.

BLACKBURN, Simon. **Dictionary of Philosophy**. New York: Oxford University Press, 2006.

BUCKINGHAM, Will et al. **O livro da filosofia**. São Paulo, SP: Globo, 2011.

BULLARA, Bete; PINHEIRO, Landa; MONTEIRO, Marialva; FERNANDES, Rê. **Kitimagem**. Rio de Janeiro, RJ: Caligraf gráfica e editora, 1992.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault na Universidade Católica de Louvain em 1981. [Entrevista cedida a] André Bertin. Tradução de Anderson dos Santos. **Clinicando.com**, [s.l.: s.d.]. Disponível em: <http://clinicand.com/entrevista-com-michel-foucault/>. Acesso em: 3 mai. 2020.

O CHEIRO DO RALO. Heitor Dhalia. Produção: Matias Mariani, Marcelo Doria e Rodrigo Teixeira. Intérpretes: Selton Mello, Sílvia Lourenço, Paula Braun, Alice Braga, Martha Meola, Suzana Alves, Leonardo Medeiros, Milhem Cortaz, Hossein Minussi, Álvaro Muniz, André Frateschi, Xico Sá, Mário Shoemberger, Jorge Cerruti et al. Roteiro: Lourenço Mutarelli e Heitor Dhalia. [S. l.]: Branca Filmes; Geração Conteúdo; Tristero Filmes, 2007. 1 DVD (98 min), son., color.

MOCELLIN, Renato. **História e cinema: educação para as mídias**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RODRIGUES, Wallace. As proporções ímpares do hiper-realismo existencialista de Ron Mueck. **ANTHESIS: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Occidental. Cruzeiro do Sul**, v. 4, n. 7, p. 61-75, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/180>. Acesso em: 3 fev. 2021.

RODRIGUES, Wallace. Do livro ao filme e do filme ao livro: as facetas de “A hora da estrela”. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação. FURB, Blumenau**, v. 12, n. 1, p. 19-28, jan./abr. 2018a, ISSN 1981-9943. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/6764>. Acesso em: 3 fev. 2021.

RODRIGUES, Wallace. Cinema brasileiro e erotismo durante a ditadura militar. **Porto Das Letras. Porto Nacional**, v. 4, n. 3, p. 61-71, 2018b. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/5860>. Acesso em: 18 fev. 2022.

RODRIGUES, Wallace. Resistência cultural no Brasil ditatorial: lutando com arte. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação. FURB, Blumenau**, v. 7, n. 3, p. 276-290, abr. 2014, ISSN 1981-9943. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/4090>. Acesso em: 18 fev. 2022.

RODRIGUES, Wallace; SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Três representações do tempo presente pela via do cinema brasileiro. **ESCRITAS**. v. 8, n. 2, p. 296-309, 2016, ISSN 2238-7188. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/issue/archive>. Acesso em: 3 mai. 2021.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

STURKEN, Marita; CARTWRIGHT, Lisa. **Practices of Looking: An Introduction to Visual Culture**. New York, NY: Oxford University Press, 2005.